

PSICOLOGIA PARA SURDOS

FRANCIELI BARROSO¹
Mestranda em Educação
frandfran@hotmail.com

RESUMO

Perlin afirma que o surdo vivente dentro de uma cultura ouvinte é um caso de identidade reprimida (PERLIN, 2010 p.53). O trabalho deste artigo nasce no ano 2013 no interior do estado do Paraná, Brasil e propõe divulgar a importância do atendimento psicológico para sujeitos surdos, bem como ilustrar bons resultados na auto estima e na saúde mental destes indivíduos. Ajudando a reconhecer-se dentro da sociedade e nas variáveis que controlam seu comportamento, especialmente as variáveis internas, de seu próprio sistema de respostas, como suas necessidades, prioridades; ensiná-las a manipular, ou contra-controlar, essas variáveis e, assim sucessivamente, a cada nova habilidade e novo objetivo.

Levando o indivíduo surdo à efetivamente lidar com variáveis que afetam seu comportamento e identidade, permitindo uma generalização do aprendizado, para outras situações e outras categorias de comportamento, além daquelas abordadas na terapia.

A satisfação das necessidades e do conhecimento pessoal adquirido é visto como motivador intrínseco e extrínseco, (pré-condição ou consequência para determinada mudança).. Os dados apresentados podem servir de informação para a reflexão sobre as práticas ao atendimento psicológico com pessoas surdas.

Palavras-chave: Psicologia, atendimento psicológico, Surdos, Identidade.

INTRODUÇÃO

Os surdos até meados do século XVI, conforme Dias (2006) eram vistos como ineducáveis; em consequência disto, considerados como inúteis à coletividade. Devido a este fato enfrentavam o preconceito, a piedade, o descrédito, e até mesmo a denominação de loucos. De modo geral, quando analisamos as formas de tratamento oferecida às pessoas surdas percebemos

¹ Licenciada em Filosofia e Psicologia, Pós-graduada Psicopedagogia Institucional, Especializada em Educação, Mestranda em Educação.

que estas se desenvolvem em função da concepção do homem, difundida nos diferentes períodos do percurso da humanidade.

No início do século XVI temos registros das experiências do médico pesquisador italiano Gerolamo Cardano, que viveu no período de (1501-1576), o qual “concluiu que a surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos” (JANNUZZI, 2004, p.31).

Segundo Soares (1999), Cardano afirmou que o surdo possuía habilidade de raciocinar, isto é, que os sons da fala ou idéias do pensamento podem ser representados pela escrita, desta maneira, a surdez não poderia se constituir num obstáculo para o surdo adquirir o conhecimento.

Marques (1998) diz que a forma como o surdo apreende o mundo é pela visão. Apresenta um pensamento que atravessa idéias e comportamentos através de uma linguagem que existe pelas imagens e representações mentais que informam a percepção de acordo com características intelectivas próprias.

Apesar de muitos pesquisadores afirmarem as potencialidades do surdo, se sabe através de sua trajetória na educação ainda temos que dar grandes passos, a educação oralista por exemplo que privilegiou o ensino da fala através de métodos centrados na reabilitação e pautados na representação social da deficiência deixaram para segundo plano a inserção do surdo no ensino. Primeiramente o mesmo deveria ser submetido ao projeto de reabilitação e, ao atingir os objetivos de uma fala razoável, era encaminhado a escola. Conseqüentemente, o acesso a escolarização se dava de modo tardio. Ao chegarem à sala de aula, ficavam totalmente descontextualizados da idade dos colegas de sala, não compartilhavam a mesma língua do professor e dos colegas, inviabilizando uma interação satisfatória. Não são poucos os depoimentos de surdos a esse respeito. Imagine os aspectos psicológicos reprimidos. Na atualidade, infelizmente, até mesmo os países de primeiro mundo apesar de serem muito organizados, o oralismo predomina, pois acredito que estão pensando errado, a preocupação das grandes potências é que os sujeitos surdos aprendam a oralizar e fazer leitura labial. Verificando os dados o oralismo predomina na maior parte dos países desenvolvidos por ainda privilegiarem a educação oralista em vez de uma educação bilíngüe que já demonstra bons resultados e menos sofrimento psíquico a estes indivíduos.

Em geral os surdos descrevem esse período como muito sofrido devido a barreira lingüística e ao preconceito e discriminação por parte de colegas e professores ouvintes. Como não possuíam acesso a língua oral nem pela oralidade e nem pela escrita, ficavam na sala observando, tentando entender o conteúdo, mas só o conseguindo de modo fragmentado. Possuindo dificuldades em interpretação, abstrações e compreensão dos conteúdos apresentados, apresentando grande falta de conhecimento, insegurança na execução de avaliações, falta de leitura do mundo e de conceitos próprios, acarretando num 'atrofiamento' de conhecimento que levava a uma dificuldade de assimilação e compreensão.

Mais tarde, mesmo os surdos que possuíam acesso à língua de sinais tardiamente, ainda assim apresentam poucos recursos simbólicos para fazer perguntas, pois foram ensinados de forma errada o que acaba por gerar um atraso no entendimento das perguntas, dificuldades de reflexão sobre o que está sendo discutido, o vocabulário adquirido é reduzido, há concretude de pensamento, dificuldades para ler e escrever existindo uma visão limitada de mundo.

Todos pensam que o surdo sabe ler e escrever bem, mas isto só ocorre quando o mesmo nasce ouvinte e depois perde audição, infelizmente os que nascem surdos com perda severa e profunda possuem grande dificuldade de compreensão em qualquer texto, sendo necessário ler varias vezes e outra pessoa auxiliar com relação a duvidas para ter o entendimento real do texto do contrario, infelizmente muitos não passam de analfabetos funcionais e por isso muitos testes psicológicos devem ser adaptados o teste de QI por exemplo, mas não que o QI do ouvinte seja superior ao QI do surdo, veja a dificuldade de leitura e escrita pelos surdos decorre não de falta de inteligência, mas da estrutura da Libras e do Português. Pensar em Libras é diferente de pensar em Português. O sujeito surdo apenas precisa aprender a pensar em Português desde a infância sendo ensinado corretamente. Quando o ouvinte não consegue pensar em Libras, tem a mesma dificuldade de entender Libras e usa o "Português sinalizado".

Então por mais que a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas do Brasil, instituída pela Lei 10.436 de 2002. Ainda falta muito para que a sua difusão, inclusão e

adequação nas grades curriculares de diversos cursos de graduação, sobretudo da área da saúde, sejam efetivados, gerando, assim, mudanças na qualidade da atenção à pessoa surda e seus aspectos emocionais.

Sabendo de toda trajetória frustrante do sujeito surdo e a convivência de vinte anos com surdos, existe ainda muito pouco a respeito de estudos psicológicos sobre estes indivíduos. Então divulgo minhas considerações sobre a importância do atendimento psicológico para sujeitos surdos, bem como ilustrar bons resultados na auto estima e na saúde mental destes indivíduos.

Ajudando a reconhecer-se dentro da sociedade e nas variáveis que controlam seu comportamento, especialmente as variáveis internas, de seu próprio sistema de respostas, como suas necessidades, prioridades; ensiná-las a manipular, ou contra-controlar, essas variáveis e, assim sucessivamente, a cada nova habilidade e novo objetivo. Levando o indivíduo surdo à efetivamente lidar com variáveis que afetam seu comportamento e identidade, permitindo uma generalização do aprendizado, para outras situações e outras categorias de comportamento, além daquelas abordadas na terapia promovendo informação e ensinamentos para vida mental saudável do surdo.

OBJETIVO GERAL:

Divulgar a importância do atendimento psicológico ao surdo.

Objetivos Específicos:

1. Mostrar ao surdo como se dá o acesso ao atendimento psicológico.
2. Ilustrar a dinâmica do atendimento psicológico as estratégias e recursos utilizados.
3. Verificar e ilustrar para o sujeito surdo suas potencialidades através do atendimento psicológico.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem caráter exploratório e utilizou a abordagem qualitativa. Para Cervo e Bervian (2002), estudos exploratórios têm como objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter novas percepções ou idéias acerca deste. Já a abordagem qualitativa consiste na escolha de métodos e teorias oportunas, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas,

nas reflexões dos pesquisadores a respeito da pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2004).

A pesquisa de caráter exploratório e abordagem qualitativa foi utilizada para alcançar os objetivos deste trabalho, sendo que o objetivo geral e conhecer, praticar e divulgar o atendimento psicológico terapêutico oferecido aos surdos. A abordagem qualitativa foi utilizada pois possibilita conhecer mais profundamente este fenômeno para que os objetivos do trabalho sejam atingidos.

Segundo Cardoso e Capitão (2007) há relevância de estudos que viabilizem avaliações psicológicas mais precisas sobre os aspectos da surdez, pois quando se refere a surdos há uma escassez quanto a instrumentos validados e o uso apropriado das técnicas de avaliação requer que esse profissional se atenha às inúmeras atividades e processos psicológicos envolvidos.

Nos casos clínicos com cinco surdos oralizados, do sexo masculino, com idades entre 18 e 32 anos ambos filhos de pais ouvintes, foi trabalhado duas abordagens psicológicas: Fenomenológica e a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma abordagem diretiva, focada na resolução de problemas. Primeiramente possuindo uma compreensão inicial fenomenológica do caso para uma posterior aplicação de técnicas e estratégias da TCC; o atendimento de se deu por meio de libras e oralização, os cinco surdos atendidos faziam parte ativamente da comunidade surda, três possuíam ensino médio e trabalhavam, enquanto os outros dois mais novos e com família de maior poder aquisitivo pagavam ensino superior aos filhos e os mesmos ainda não possuíam experiência no mercado de trabalho. Os dois mais velhos eram casados, um com outra surda e outro com esposa ouvinte e moravam sozinhos, os demais moravam com a família.

RESULTADOS

Segundo Skliar 1997, o período em que modelo clínico terapêutico na psicologia teve mais força foi nos anos 50 e 60, quando surgiu a denominação Psicologia da Surdez. Neste período as dificuldades motoras, inteligência concreta, lentidão na aprendizagem, agressividade, dificuldade de aceitar limites e impulsividade eram consideradas inerentes ao indivíduo com deficiência auditiva. Nesta época considerava-se relação direta entre as deficiências auditivas e alguns problemas emocionais, sociais, lingüísticos e intelectuais. Afirmava-se que esses sintomas seriam inerentes à surdez e comuns a crianças, jovens e adultos surdos.

O interesse da psicologia pela surdez está muito relacionado com o desenvolvimento na área da educação de surdos. O Brasil começou a sistematizar a educação para os surdos em 1857 através da vinda do professor francês Ernest Huet, surdo, a convite de D. Pedro II. Neste ano, foi fundada a primeira escola para meninos surdos, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES.

Vernon (1968 apud VARGAS 2011) em sua revisão de literatura sobre a cognição de pessoas surdas concluiu que a população surda é altamente heterogênea e que possui nível de inteligência aproximadamente igual ao de pessoas ouvintes. Esse mesmo autor destacou que as performances mais baixas dos surdos estariam relacionadas aos ambientes pobres de linguagem no qual estão inseridos, remetendo a importância dos contextos lingüísticos para o desenvolvimento da linguagem.

Atualmente, a comunidade surda, através do resgate de sua cidadania, apresenta um reencontro com sua cultura e sua história, reescrevendo-a sobre seu olhar, reivindicando o direito legítimo de falar sobre si mesmo, visando romper com a descrição, classificação e o rótulo de comportamentos imputados a si e que a transformaram em incapacitada, arrancando-lhe o direito de viver em liberdade e de ter escolhas e possibilidades de futuro.

E também a psicologia, que sob este enfoque é remetida para a dimensão subjetiva possibilitando um trabalho de escuta do sujeito surdo e de sua comunidade. Essa escuta sobre o que o surdo e sua comunidade têm a dizer mostrou-se fundamental para se reconduzir as intervenções psicológicas,

que passaram a levar em consideração a singularidade dos cinco sujeitos e as peculiaridades lingüísticas e culturais do mesmo e de sua comunidade.

Muitos surdos, antes de ter contato com a língua de sinais se encontram num ambiente exclusivamente oral onde não há uma língua compartilhada entre ele e seus familiares que possibilite uma troca de experiências. Com isso ocorre um distanciamento entre ele e seus familiares, marcando um isolamento dele no ambiente familiar. Nesta pesquisa exploratória dos cinco surdos atendidos, apenas um (o mais novo de 18 anos) utilizava libras com sua família. Os demais relatam situações que vivenciaram na família onde os pais e mesmo os irmãos ouvintes não conversavam com eles, não os convidavam para partilhar momentos em comum como: brincar, conversar, assistir a programas de televisão junto, saírem juntos... Esses fatos denunciam uma separação e uma exclusão do surdo na sua família. Que, por serem "diferentes", causam um sentimento de estranheza no meio familiar. Pois a própria família tem dificuldade de lidar com o estranho, com o diferente e acaba realizando um movimento de afastamento, excluindo-o lingüística e culturalmente o acaba por gerar também um sofrimento psíquico neste indivíduo e também na família sobretudo na figura da mãe. Assim, a surdez do filho, provoca um sentimento de estranheza, tanto por parte dos pais quanto do filho surdo, fazendo com que o filho surdo pareça um estrangeiro dentro da própria família.

A vivência desse sentimento de estranheza provoca um outro sentimento o sentimento de ambivalência, expresso na forma como agem com o membro surdo, a saber: algumas vezes aceitando-o e buscando aprender a sua língua, o que foi detectado nas duas famílias dos surdos mais novos atendidos; 2 famílias sabiam libras, mas apenas uma utilizava no meio familiar. Outra família do surdo casado com surda expressava rejeição ao filho surdo, outra família agia negando a surdez e exigindo que o filho surdo falasse oralmente e ainda o outro surdo casado com ouvinte onde toda família expressava superproteção.

Nos cinco casos estudados na primeira consulta a mãe participou da anamnese posteriormente os surdos foram atendidos individualmente e sem interpretes por meio de libras e oralização.

Como existem diferenças nas famílias, os surdos deparam-se com o fato inevitável de que na família e na comunidade surda em que vivem a língua e a cultura são outras, estabelecendo-se um confronto entre a cultura familiar e social a qual estão submetidos e a nova língua e cultura e vista como uma nova família pois partilham a mesma deficiência auditiva e experiências semelhantes.

Essa situação instala um conflito, no que concerne a particularidade do exercício da função de pai e mãe, na medida em que, ao se apropriar da língua de sinais e da cultura surda, o surdo passa a ocupar o lugar de estrangeiro na família, lançando-se em busca de novos modelos identificatórios, como os surdos mais velhos, encontrando uma nova referência de valores, normas, leis que são fornecidas pela comunidade surda. Passam a sentir a comunidade surda como sendo sua família, pois é nela que se reconhecem, é nela que compartilham as mesmas experiências, os mesmos sofrimentos e alegrias, a mesma língua, um mesmo modo de pensar e agir. Por isso no Brasil, muitos surdos acabam casando-se entre si.

O surdo apreende o mundo de maneira visual e espacial, utilizando uma língua visual - motora. As atividades clínicas realizadas de maneira mais visuais são mais atrativas para o público surdo. A utilização de desenhos, mapas, infográficos, imagens, vídeos e todo material e estratégias onde o psicólogo pode se comunicar utilizando o sentido da visão são muito bem vindas e aceitas pelos surdos.

Segundo Vasco (2009) a expressão corporal e facial também é uma estratégia de comunicação importante para os surdos, pois eles identificam a intensidade do que quer ser dito pela expressão assim como os ouvintes percebem a intensidade das palavras pela entonação de voz.

Segundo Lane, 1992 página 35:

Se respeitarmos os direitos dos cidadãos de outras culturas, incluindo aqueles que fazem parte do nosso país, a terem as suas próprias normas regulamentares, as quais podem ser diferentes das normas (podendo, contudo, recusar fazê-lo, correndo o risco de estarmos a ser ingênuos, apenas por que acreditamos que tal não é possível), então também devemos reconhecer que a surdez da qual falo não é uma enfermidade, mas apenas outro modo de estar e de ser.

Para os cinco surdos atendidos na terapia foi aplicado o teste projetivo HTP (House/Tree/Person) de personalidade. As características da personalidade dos pacientes surdos foram a principal referência para o diagnóstico de um deles que apresentou características de transtorno bipolar.

A dimensão afetiva foi considerada em todas as avaliações efetuadas. Apesar dos sujeitos surdos saberem de minha participação na comunidade surda, foi preciso conhecer os pacientes, para estabelecer uma relação de confiança e vínculo terapêutico. Só depois foi possível elaborar com segurança uma estratégia de trabalho.

Todos apresentavam quadros de estado afetivo inconstantes porém depois de sessões mostrando informações e possíveis possibilidades começaram a compreender as verdadeiras motivações. E até mesmo lidar como mediadores de conflitos. A Fenomenologia ajudou neste processo servindo como substrato filosófico e metodológico para atuação cognitivo-comportamental.

A atitude fenomenológica tornou o trabalho muito mais produtivo. A compreensão empática de como funcionava os pacientes surdos foi material para a construção de uma estratégia terapêutica e para a vinculação dos próprios surdos.

Na terapia com surdos mostrou-se um espaço onde conseguem expor seus sentimentos mais desagradáveis para com pessoas e situações, sendo que o conhecimento que possuíam sobre si mesmos foi aumentado e padrões de comportamento melhorados.

Conseguem pensar e avaliar consequências e alternativas de algumas ações. Porém, por conta da personalidade imatura, nem sempre obtém êxito nessa tarefa. Todavia, a manutenção do vínculo terapêutico, e de uma nova relação com a família têm refletido diretamente e de forma muito positiva na sua saúde mental destes indivíduos.

Com exceção do surdo que apresentou quadro de bipolaridade os demais apenas depressão leve, problemas de relacionamento sem necessidade medicamentosa e demonstraram ao longo da terapia melhoras e aprendizagens de estratégias de funcionamento com resoluções de conflitos.

Para que sejam estabelecidas com eficácia estratégias e metas terapêuticas, devem ser considerados alguns pressupostos. Como a atitude

fenomenológica que contempla a complexidade do ser humano, os pressupostos norteadores de qualquer atividade clínica devem seguir o mesmo caminho. Fica constatado que o trabalho clínico com surdos exige mais do que a formação acadêmica. A formação cultural, social e a personalidade do terapeuta são fatores que exercerem profunda influência na atividade profissional de cada um. Isso vale para todas as profissões, mas é essencial no caso da psicoterapia. Não raro, profissionais experientes cometem erros sucessivos, que são consequência de suas personalidades, de suas próprias formas de ser no mundo.

Não proponho esta ou aquela formação cultural, moral, espiritual etc., mas um olhar para as influências que estes e outros aspectos existenciais do terapeuta exercem no tratamento. Tanto mais eficiente será a atuação clínica do profissional quanto mais ampla for a sua formação humana por isso a importância do profissional desta área conhecer e conviver com a cultura surda.

CONCLUSÕES

Apesar das conquistas e do reconhecimento de direitos das pessoas com deficiência e das medidas de inclusão social dos surdos, é notável a ausência de informação, pesquisas e documentos acerca de temas relacionados à atenção psicológica na área da surdez. Cabe uma reflexão, principalmente no campo da psicologia, sobre o quanto se pode contribuir e fomentar discussões acerca de um tema tão cotidiano quanto marginalizado, muitas vezes, por quem deveria acolher a dor do outro, a dor de não se comunicar e não ser “escutado”.

Os dados apresentados podem servir de subsídios para a reflexão e o estabelecimento de práticas com pessoas surdas, em especial na prática clínica pois Segundo Gonçalves 2011, a grande maioria dos surdos não possui ou nunca teve acesso aos serviços psicológicos, seja por condições financeiras, ou unicamente porque a administração pública não oferece esse tipo de atendimento. Ainda segundo o mesmo autor a falta de relação do surdo com o grupo majoritário de ouvintes implica em alguns déficits no

desenvolvimento cognitivo, afetivo e sociocultural, resultando o sofrimento psicológico, onde muitas vezes produz conflitos que são interpretados equivocadamente, como comportamentos típicos do surdo: agressividade, intolerância, individualismo, incapacidade intelectual, quando na verdade essa aparição resulta do desconhecimento do mundo dos surdos. é importante salientar que todas as pessoas são diferentes é necessário respeitá-las como nômades, negras, índias, ou surdas. O importante é deixar que os surdos construam sua identidade, assumam suas fronteiras em posição mais solidária do que crítica.

A Fenomenologia é tratada aqui como uma visão de mundo, ou ainda como uma atitude-no-mundo. Em oposição à atitude científica e ao próprio senso comum (que, juntos, formam a chamada atitude natural), pode-se posicionar a atitude fenomenológica, que segundo a proposta de Husserl, citada por Sá, in Vilela, Ferreira e Portugal (2005), afirma que a atitude natural considera as coisas como existentes em si mesmas, sem que se leve em conta suas relações com uma consciência. A atitude fenomenológica se constitui em uma atitude rigorosamente crítica, que só admite o que se mostra com todas as evidências à experiência: o fenômeno. Com essa forma de apreender o mundo, a fenomenologia se torna uma atitude compreensiva, que busca compreender a complexidade do ser humano, não mais analisado sob um prisma “natural”, determinado e determinista, mas a partir das múltiplas faces que apresenta os sujeitos humanos.

Por fim, Merleau Ponty nos diz que “o mundo é inesgotável”, dando ao mundo o sentido deste, conforme é vivido e significado pelo ser humano. Assim sendo, os psicólogos estarão sempre seguindo adiante na busca de verdades que imaginam ser definitivas. Porém a cada descoberta, novas questões se descortinam, cujas respostas levam a novos questionamentos e muitos mistérios a desvelar.

BIBLIOGRAFIA

BEHARES, Luiz Ernesto; PELUSO, Leonardo. A língua materna dos surdos. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, n. 6, p. 40-48, mar.1997.

BENAVIDES, Florence; BOUKOBZA, Claude. A clínica do holding. In: WANDERLEY, Daniele de Brito (org.). Palavras em torno do berço. Salvador: Ágalma, 1997, p. 89-106.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº.10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Brasília, 2002.

Candiani, D. M. A., Souza, A. M. R., Camilo, D., & Candiani, T. M. (2003). Estudo da validade de um método projetivo – Teste de Zulliger – por meio de parâmetros psicométricos. Psic: Revista de Psicologia da Vetor Editora, 4(2), 36-43.

Cardoso, L. M., & Capitão, C. G. (2007). Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Psico-USF, 12 (2), 135-144.

CERVO, A. L.; BERVIAN, A. Metodologia Científica. São Paulo: Prentice Hall, 2002

DALCIN, Gladis. Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Florianópolis. Centro de filosofia e ciências humanas. Programa de pós-graduação em psicologia. Florianópolis: UFSC, 2005.

DIAS, V. L. L. Rompendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental. 2006. 164f. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDES, Eulália. Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FLICK U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. Família e surdez: Algumas considerações aos profissionais que trabalham com famílias. In: SILVA, Ivani Rodrigues, KAUCHAKJE, Samira, 63 GESUELI, Zilda Maria (orgs.). Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

GEOVANINI, Fátima Cristina Melo. Da Psicanálise à surdez – uma escuta psicanalítica em instituição escolar para surdos. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, n. 8, p. 16-20, dez. 1997.

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

GONÇALVES, Luis Alberto C.; SILVA, Petronilha Beatriz G. O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GONÇALVES, P. C. da S. Atendimento Psicológico para Surdos, 2011.

HUSSERL, E. Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia fenomenológica: uma introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida do Norte: Ideias e Letras; 2006.

JANNUZZI, G. S. M. A. Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004, 243p.

KNAPP, P. (org). Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica. Porto Alegre: ArtMed; 2004.

LANE, Harlan. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes pedagógicos, 1992

Leahy, R.. Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta. Porto alegre: artmed; 2006.

May, R. (org.) Psicologia existencial. Porto Alegre: ed. Globo; 1980.

KLEIN, Madalena. A formação do surdo trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (org.) A invenção da surdez. Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LABORIT, Emmanuelle. O vôo da Gaivota. São Paulo: Best Seller, 1994.

LACAN, Jacques. Os complexos familiares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

LANE, Harlan. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes pedagógicos, 1992.

LICHTIG, Ida; COUTO, Maria Inês V.; CÁRNIO, Maria Silvia. Linguagem e surdez. In: LACERDA, Cristina B. F. de; NAKAMURA, Helenice; LIM A, Maria Cecília (org.) Fonoaudiologia, surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000, p.44-55.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação Bilíngüe para Surdos. In: LACERDA, Cristina B. F. de; NAKAMURA, Helenice; LIMA, Maria Cecília (org.) Fonoaudiologia, surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000, p. 64-83.

MARQUES, Juracy; MARTINS, Ricardo Viana. Língua de sinais e nome do pai.

Cadernos da Associação psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Porto Alegre, n. 8, p. 44-51, abril 2001.

MARQUES, Carla Verônica Machado. Visualidade e surdez: a revelação do pensamento plástico. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, n.12, p.38-46, dez. 1998.

MARTINS, Ricardo Vianna. Língua de sinais e subjetividade. Porto Alegre, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. (1998). *Elogio da filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores (original publicado em 1953).

MERLEAU-PONTY, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes (original publicado em 1945).

MOURA, Maria Cecília. O Surdo: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NEWMAN (et al) Transtorno bipolar: tratamento pela terapia cognitiva. São Paulo: ROCA; 2006.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998, 2001, 2010.

PINTO, Patrícia Luiza Ferreira. Identidade cultural surda na diversidade brasileira. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, n.16, p. 34-41, dez. 2001.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RANGE, B. (org) Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria. Porto Alegre: Artmed; 2001.

SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo de surdos. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SARTRE, JP. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes; 1943/2008.

SKLIAR, Carlos (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. _____ Uma perspectiva sócio—histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial.

SKLIAR, Carlos (org). Porto Alegre: Mediação, 1997. Atualidade da Educação Bilíngüe: interfaces entre pedagogia e lingüística. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOARES, M. A. L. A educação do surdo no Brasil. Campinas: Autores Associados/Bragança Paulista, 1999

SOLE, Mara Cristina Petrucci. A clínica psicanalítica em língua de sinais: reflexões de uma analista ouvinte sobre essa prática. Correio da Associação psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Porto Alegre, 2001.

_____. A surdez enquanto marca constitutiva da subjetividade: uma contribuição à pesquisa a partir da clínica psicanalítica com adolescentes surdos. Porto Alegre, 1997.

STRÖBEL, Karin Lílian; DIAS, Silvania Maia Silva. Surdez: abordagem geral. Curitiba: Apta Gráfica e Editora, 1995.

VARGAS, R.C. Composição Aditiva e Contagem em Crianças Surdas. Intervenções pedagógicas com filhos de surdos e de ouvintes. Doutorado em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

VASCO, E. Características das intervenções psicoterapêuticas realizadas por

psicólogos com sujeitos surdos. 2009.160 p. Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina UNISUL, Palhoça -SC, 2009.

WERNECK FILHO, B. D. Fenomenologia como orientação filosófica para a psicologia clínica. *In Psycuiatry on line Brazil*, vol. 14, nº8; (2009)